



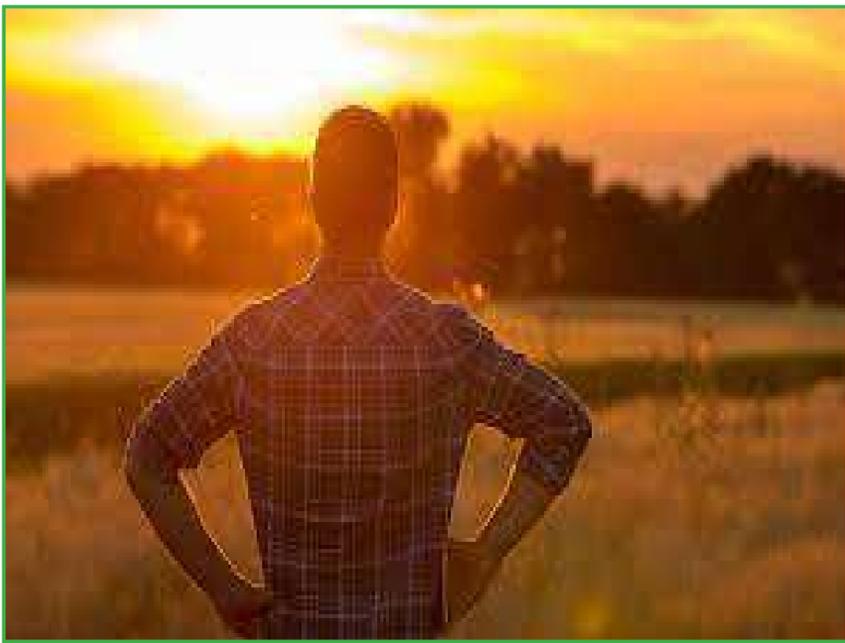
MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



SUCCESSÃO FAMILIAR. EMPRESAS AGRO E PRODUTORES RURAIS. IMPOSTOS.



Ainda que, a princípio, possam parecer a mesma coisa, herança e espólio se diferem um pouco. Enquanto a herança é definida pelo conjunto de bens, direitos e deveres que um falecido deixa, o espólio é a reunião dos bens que serão parte da sucessão e, assim, passados aos herdeiros.

Esse processo de sucessão, que pode envolver inventários, holdings etc, abrange, além de alguns procedimentos burocráticos inerentes, o pagamento de taxas, tarifas e tributos ou custos. Alguns dos tributos serão o tema do nosso artigo de hoje. Acompanhe!

Espólio, Herança e Tributos

O processo de sucessão pode envolver diversos custos, entre eles os tributos referentes a cada tipo de procedimento. Estar prevenido em relação a eles é a melhor opção para que a sucessão não seja objeto de grande preocupação. Alguns valores desses gastos, no andamento do processo, podem variar, de acordo com o Estado e a complexidade da questão.

ITCMD

O ITCMD (imposto de transmissão causa mortis e doação), por exemplo, por ser de competência de cada Estado e do Distrito Federal, é um dos que sofrerá divergência na quantia. Ele é cal-

culado sobre o valor venal de referência. Os contribuintes desse imposto serão os herdeiros e legatários. E sem o seu pagamento, a sucessão não poderá ser concluída.

Tal tributo, além de diferir, ainda pode ter sua alíquota fixa ou variável, dependendo de como cada Estado trabalha com ela. A lógica por trás do método que varia é tentar cobrar um valor justo ao contribuinte, que pagará mais, se tiver ganhado mais. Em São Paulo, por exemplo, temos uma alíquota única de 4%. Já na Bahia, temos uma variação de 4% a 8%.

Impostos Devidos

Importante também colocar que os sucessores são responsáveis pelos tributos não pagos pelo de cujus, limitado esse valor até o quinhão do legado. Já o espólio será responsável pelos tributos até a data da sucessão. Atente-se para o fato de que a Receita tem 5 anos para fazer o lançamento do contribuinte na dívida ativa, podendo acontecer de o herdeiro ser notificado tempos após a sucessão.

Então, resumindo, temos que cabe ao espólio a responsabilidade pelos tributos não pagos pelo falecido, até a data da partilha. Após, os herdeiros serão os responsáveis.

IRPF

As declarações do espólio

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação. E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

podem ser classificadas em: inicial (ano-calendário do falecimento), intermediária (durante o processo da partilha) e final (após o término do processo). Será preciso informar nome e CPF do de cujus no momento. Enquanto o processo ainda estiver em curso, a declaração será apresentada pelo inventariante, em nome do espólio. Já a declaração final será feita em programa específico.

Caso você seja herdeiro, deverá acrescentar os bens na sua declaração de IR após a conclusão da partilha. Eles deverão ser discriminados como herança, juntamente com o CPF do falecido.

Então, esse foi mais um artigo da nossa sequência do tema de sucessão familiar. Atente-se aos tributos relacionados ao espólio e à herança, para que não haja surpresas depois.

SUCCESSÃO FAMILIAR. EMPRESAS AGRO E PRODUTORES RURAIS. CUSTOS PROCESSÓRIOS.

Entender todos os gastos do processo sucessório é im-

portante para que a pessoa não seja pega de surpresa e tenha que arcar com algo que não esperava. Saiba, primeiramente, que os valores variam de acordo com os tipos de procedimentos feitos.

Portanto, poderá haver bastante diferença caso precise de inventário judicial ou extrajudicial ou, ainda, caso o dono do patrimônio tenha optado por uma holding

Gastos do processo sucessório: saiba antes para planejar

A sucessão patrimonial, apesar de envolver herança, nem sempre significa uma mudança positiva na vida financeira pois, por existirem gastos necessários, tudo precisa ser feito com planejamento.

Com relação ao custo do inventário, se feito por via extrajudicial (cartório), poderá ficar entre 4,2% e 4,7% sobre o valor dos bens. Já na via judicial, pode sair por 5,27%. Porém, nem sempre é possível escolher a forma de realização, como acontece quando um dos herdeiros é menor de idade, por exemplo.

Novo inseticida para controle de cochonilhas da palma forrageira e algodoeiro será desenvolvido pela Embrapa e Insa



A Embrapa Algodão e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa) estão trabalhando em parceria para o desenvolvimento de um novo inseticida, a partir de de sisal (*Agave sisalana*), para o controle de cochonilhas da palma forrageira e do algodoeiro no Semiárido brasileiro. Os trabalhos de pesquisa estão sendo conduzidos em áreas de campo e laboratórios das duas instituições, na cidade de Campina Grande, PB. O acordo técnico firmado no final do ano passado terá três anos de duração.

O pesquisador Everaldo Medeiros, da Embrapa Algodão, que coordena o projeto pela Embrapa, explica que as culturas tolerantes ao estresse hídrico, como a palma forrageira e o algodoeiro, têm sido essenciais para a manutenção dos rebanhos no Semiárido, com custos menores que os concentrados de grãos, produzidos no Cerrado do país, daí a importância do composto para a sustentabilidade dessas culturas.

“A palma forrageira tem sido a melhor opção para alimentar os rebanhos no Semiárido e o algodão é uma

excelente fonte de proteína, que pode ser acrescentada à palma para suprir a deficiência de nutrientes”, diz.

Além de menor custo e tolerância à seca, a palma é rica em energia e tem boa capacidade de rebrota após o corte, como uma cultura que pode ser explorada por vários anos seguidos, possibilitando, quando em plantios adensados, maior eficiência no uso da terra. Apesar de possuir baixo teor de proteína, a palma forrageira possui altos teores de carboidratos totais, matéria mineral e umidade, características importantes na alimentação e hidratação dos animais devido à escassez hídrica.

O algodão também possui tolerância ao déficit hídrico, além de ser uma excelente alternativa como nicho de mercado orgânico e natural para complementação de renda do pequeno produtor. Além da produção de fibra, a sua integração permite a composição da fração proteica existente na biomassa do algodoeiro, e a utilização da torta e farelo após o beneficiamento da pluma.

Segundo o entomologista

Carlos Domingues, também da Embrapa Algodão, as principais pragas que atacam a palma forrageira e algumas espécies em algodoeiro são relacionados a insetos sugadores, especialmente as cochonilhas. “A identificação dessas pragas e o seu controle químico são procedimentos trabalhosos e de altos custos. A busca de produtos fitoquímicos envolvendo compostos ativos inseticidas tem sido uma estratégia eficiente e com menor impacto para humanos, animais domésticos e meio ambiente”, afirma.

Palma forrageira

Conforme dados do Insa, o Brasil é o maior produtor mundial de palma forrageira para alimentação animal. Estima-se que existam, com essa finalidade, cerca de 500 mil hectares de palma forrageira no Nordeste, concentrando-se principalmente nos estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte, onde a cultura encontrou condições ideais para seu desenvolvimento. A palma pode substituir, em parte, outras fontes energéticas como capins e grãos.

A pesquisadora Jucilene Araújo, do Insa, responsável pelo projeto na instituição, reforça que a pecuária é uma das principais fontes de renda do Semiárido brasileiro, mas, dadas as grandes oscilações na disponibilidade de forragens causadas pelas estiagens que ocorrem na região, é necessário o uso de plantas adaptadas como a palma forrageira, que suporta grandes períodos de escassez de água.

Ela relata que há uma grande preocupação por parte dos produtores de palma e dos pesquisadores em relação a pragas e doenças dessa cultura, com destaque para

as pragas cochonilha do carmim e cochonilha de escama. “Muitos dos palméis da variedade Gigante (espécie *Opuntia ficus indica*), de alguns estados do Nordeste, foram dizimados pela cochonilha do carmim”, diz ela.

“Atualmente, temos quatro variedades de palma resistentes à cochonilha do carmim, que são cultivadas em substituição à variedade Gigante, no entanto, são suscetíveis à segunda praga de maior importância da cultura que é a cochonilha de escama. Estas pragas causam prejuízos aos produtores rurais, diminuindo a quantidade de forragem produzida e muitas vezes inviabilizando a colheita, afetando assim a economia da região”, conta.

Neste projeto, os pesquisadores enfocarão a cochonilha de escama. “Com as variedades resistentes, no problema da cochonilha do carmim foi parcialmente resolvido. O desafio maior agora é a cochonilha de escamas”, explica Everaldo.

Inseticida verde

A Embrapa Algodão tem pesquisado compostos ativos a base de extrato líquido de sisal para o controle de lagartas e carrapatos em bovinos. Com a base de conhecimento gerado, em conjunto com a Universidade Federal da Paraíba, desenvolveu um produto com eficácia para controle de todas as fases do mosquito *Aedes Aegypti*.

Agora, em parceria com o Insa, o objetivo é prospectar, desenvolver e testar um novo composto químico com ação inseticida identificada em genótipos de *Agave* a partir de substâncias ativas para o controle das cochonilhas em palma forrageira e no algodoeiro, duas culturas de alta demanda por produtos fitossanitários.

Mapa registra fungicida inédito para controle da ferrugem asiática da soja



Ferrugem asiática na soja - Foto: Pedro Singer/Embrapa Soja

O Ato nº 06 do Departamento de Sanidade Vegetal e

Insumos Agrícolas da Secretaria de Defesa Agropecuária, publicado nesta segunda-feira (7), no Diário Oficial da União, traz o registro de 25 defensivos

agrícolas formulados, ou seja, produtos que efetivamente estarão disponíveis para uso pelos agricultores. Desses, cinco são considerados de baixo impacto ou de base biológica e um de ingrediente ativo novo.

O produto inédito é feito à base do ingrediente ativo *Impirfluxam*. Trata-se de um fungicida recentemente aprovado no Brasil e que será mais uma opção para o controle da ferrugem asiática da soja.

Além desse, outros dois produtos com o ingrediente ativo *Dibrometo de Diquate* em sua composição foram registrados, aumentando para 19 as alternativas desse herbicida, considerado o substituto do *Paraquat*. “Esses dois produtos chegam bem na hora que

os sojicultores enfrentam uma escassez do herbicida no mercado nacional, justo quando se preparam para a ‘dessecação’ da soja para a colheita”, destaca o coordenador-geral de Agrotóxicos e Afins, André Felipe Peralta.

Dos produtos de baixo impacto registrados na data de hoje, quatro foram aprovados para uso na agricultura orgânica. O *Chrysoperla externa*, efetivo contra mosca-branca e pulgões; o *Telenomus podisi*, parasitoide de ovos do percevejo-marrom da soja; o *Orius insidiosus*, predador da praga *Tripes Frankliniella schultzei*; e o *Azadirachta indica* (óleo de nim), para o controle do fungo conhecido como ‘oídio’ e para a mosca-branca.

Sombra artificial em confinamento reduz consumo de água do rebanho



Pesquisas de vários centros da Embrapa têm comprovado que a sombra proporciona, além de bem-estar aos animais, eficiência na produção. O experimento, realizado em São Carlos (SP), na Embrapa Pecuária Sudeste, avaliou o impacto do efeito do sombreamento artificial sobre as características fisiológicas, comportamentais e de desempenho de nelores.

Os animais que tiveram acesso à sombra consumiram diariamente, em média, três litros de água a menos que o gado que estava a pleno sol. Outro dado importante da pesquisa foi a produtividade hídrica – 10,37% maior para os nelores que estavam nos ambientes com sombra.

O especialista em manejo hídrico e pesquisador da Embrapa Julio Palhares, e a Zootecnista Taisla Novelli, doutoranda da Universidade de São Paulo (USP), analisaram os impactos da cobertura artificial em con-

finamento para o gado Nelore, considerado uma raça rústica, ou seja, que tolera altas temperaturas.

O pesquisador conta que o sombreamento promovido pela integração com árvores já é conhecido e utilizado por boa parte dos pecuaristas. O que tende a se tornar cada vez mais comum é a técnica de sombra artificial em confinamento. Nos experimentos, a estrutura utilizada foi uma tela com 80% de bloqueio da luz solar. Mas são vários os tipos de coberturas que podem ser usadas pelos produtores, de acordo com suas condições e necessidades.

Para Palhares, deve ser estimulada a implementação de tecnologias que ajudam a reduzir o impacto das mudanças climáticas e dar mais conforto aos animais e, ainda, melhorar a produtividade hídrica. Segundo ele, a sombra artificial influenciou no consumo de água e manteve o desempenho animal.

Alinhamento aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

As tecnologia dessa pesquisa contribui diretamente para três eixos dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU):

6 - “Garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos”

12 - “Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis”

13 - “Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos”



Resultados

A ingestão hídrica média individual dos bovinos, avaliada durante 76 dias, foi superior para os animais confinados a pleno sol em relação àqueles com acesso à sombra. O consumo médio diário dos nelores que estavam no sol foi de 40,63 litros de água por animal, enquanto o daqueles que estavam na sombra foi de 37,31 litros. De acordo com Novelli, essa diferença diária de 3,32 litros é significativa e imposta pelas condições a que os bovinos estavam expostos. “No ano de 2019, o Brasil abateu pouco mais de seis milhões de animais provenientes de sistemas confinados, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) de 2020. O que seria igual uma economia de mais de 1,5 bilhão de litros de água ou 1,5 milhão de metros cúbicos de água se todos os animais abatidos tivessem acesso ao tipo de sombra artificial utilizada durante o confinamento.

Em outro cálculo feito pela zootecnista, considerando o uso médio per capita rural de 100 litros por habitante ao dia (dados da Agência Nacional de Águas de 2019), a economia supriria o consumo anual de 42 mil habitantes que vivem no campo. “Dessa forma, sabemos que há um grande volume sendo consumido pela pecuária que poderia estar disponível para outras

finalidades. Por outro lado, a escassez de informação sobre o número de animais em confinamento que possuem acesso às condições de sombra, e a falta de medição do consumo de água desses animais, impossibilita quantificar precisamente o volume que já estaria sendo economizado”, destaca Taisla Novelli.

Outro resultado importante foi a produtividade hídrica, 10,37% maior para os animais à sombra. A produtividade hídrica é a relação de quilogramas de peso de carcaça, por litros de água. “O objetivo é produzir o mesmo quilo de carne com menos litros de água”, afirma o pesquisador da Embrapa.

Para ele, isso é ambientalmente significativo e dá ao pecuarista e à cadeia produtiva informações sobre o desempenho hídrico do produto carne. “O modo como os pecuaristas usam a água, direta ou indiretamente, afeta a disponibilidade hídrica para toda sociedade”, conta Palhares.

Assim, o fornecimento de sombra pode auxiliar na conservação das fontes de água, além de apresentar benefícios produtivos, ambientais e econômicos. “Os animais são criados com bem-estar, o sistema de produção consome menos água, o consumidor ganha por ter um produto disponível com valores ambientais e de bem-estar animal”, explica o cientista.



Resultados A pesquisa

O experimento foi realizado na Fazenda Canchim, sede da Embrapa Pecuária Sudeste. Participaram do estudo 48 bovinos machos não castrados da raça Nelore, com 24 meses de idade e peso médio de 448 quilos. Os animais foram divididos em dois grupos. Um deles teve acesso à sombra artificial e outro, não.

O confinamento durou 96 dias. Nos primeiros 11 dias houve a adaptação à alimentação e à ingestão hídrica. Nos 76 dias posteriores, foram feitas as avaliações diárias do consumo individual de água e matéria seca dos grupos experimentais. Após esse período, os grupos foram divididos em três etapas de abate.

A medida que os animais deixavam o confinamen-

to, os consumos de água e alimento daqueles que permaneciam continuaram sendo quantificados até o período máximo de 85 dias. Essa continuidade atendeu à exigência de metodologias utilizadas no trabalho que consideram o ciclo de vida todo do animal dentro da atividade de produção. O consumo de água no abate não foi considerado no estudo.

A dieta experimental de alto grão foi formulada com ingredientes utilizados em confinamento comerciais, entre eles farelo de soja, milho em grão moído, bagaço de cana in natura e suplementos minerais e vitamínicos. Foram usados aditivos alimentares e os níveis nutricionais ajustados buscando atender às exigências de manutenção e ganho dos animais de 1,5 Kg

DICAS DO MUNDO PET

Riscos de parasitas em cães e gatos

Que os parasitas são um problema extremamente comum na vida de cães e gatos já não é novidade para ninguém. Agora, poucos sabem,

de fato, os riscos que eles oferecem para a saúde dos pets. A presença de pulgas, por exemplo, vai muito além de uma "simples" coceira ou

incômodo. A Dermatite Alérgica à Picada de Ectoparasitas, também conhecida como DAPE, é uma doença dermatológica alérgica bastante

comum em cães e gatos e deve sempre ser considerada como um agravante nos casos de infestações por estes parasitas.



A DAPE é uma reação alérgica do organismo comumente causada pela pulga, que injeta sua "saliva" na pele do animal quando o pica. Caso essa doença não seja controlada o mais

rápido possível, as lesões de pele podem evoluir para problemas mais graves como perda de pelo, dermatite bacteriana secundária, feridas etc.

Mas, além disso, as pul-

gas podem transmitir verminoses e bactérias, bem como provocar anemia em filhotes altamente infestados.

A seguir, veja outras doenças relacionadas à presença de pulgas:

- Vermes (*Dipylidium caninum*): As pulgas na forma adulta podem carregar dentro de si larvas de vermes. Se, ao se coçar com a boca, o cachorro ou gato ingere uma pulga que está carregada com esse parasita, ao eclodir dentro do trato gastrointestinal, as larvas dão início ao desenvolvimento de tênia que causam perda de peso e diarreia no pet.

- Dermatite alérgica à picada de ectoparasitas (DAPE): Por mais que seja comum a pulga e o carrapato causarem irritação, coceira e vermelhidão no local da picada, pets que possuem sensibilidade apresentam uma reação exagerada do sistema imunológico, muitas vezes com coceira intensa, perda de pelo e feridas pelo corpo.

- Anemia infecciosa felina ou Micoplasmose: Esses nomes indicam uma infecção pela bactéria *Mycoplasma haemofelis*. Essa doença muitas vezes não apresenta sinais, mas pode evoluir rapidamente para uma anemia aguda em gatos e estudos defendem que as pulgas podem ter um papel importante na disseminação da micoplasmose.

As famosas – e temidas – doenças do carrapato

i larvas de vermes. Se, ao se coçar com a boca, o cachorro ou gato ingere uma pulga que está carregada com esse parasita, ao eclodir dentro do trato gastrointestinal, as larvas dão início ao desenvolvimento de tênia que causam perda de peso e diarreia no pet.

- Dermatite alérgica à picada de ectoparasitas (DAPE): Por mais que seja comum a pulga e o carrapato causarem irritação, coceira e vermelhidão no local da picada, pets que possuem sensibilidade apresentam uma reação exagerada do sistema imunológico, muitas vezes com coceira intensa, perda de pelo e feridas pelo corpo.

- Anemia infecciosa felina ou Micoplasmose: Esses nomes indicam uma infecção pela bactéria *Mycoplasma haemofelis*. Essa doença muitas vezes não apresenta sinais, mas pode evoluir rapidamente para uma anemia aguda em gatos e estudos defendem que as pulgas podem ter um papel importante na disseminação da micoplasmose.

As famosas – e temidas – doenças do carrapato

Um problema recorrente no verão são as doenças do carrapato que, se não forem bem tratadas, podem resultar em sérias consequências para a saúde dos pets.

Basicamente, são cha-

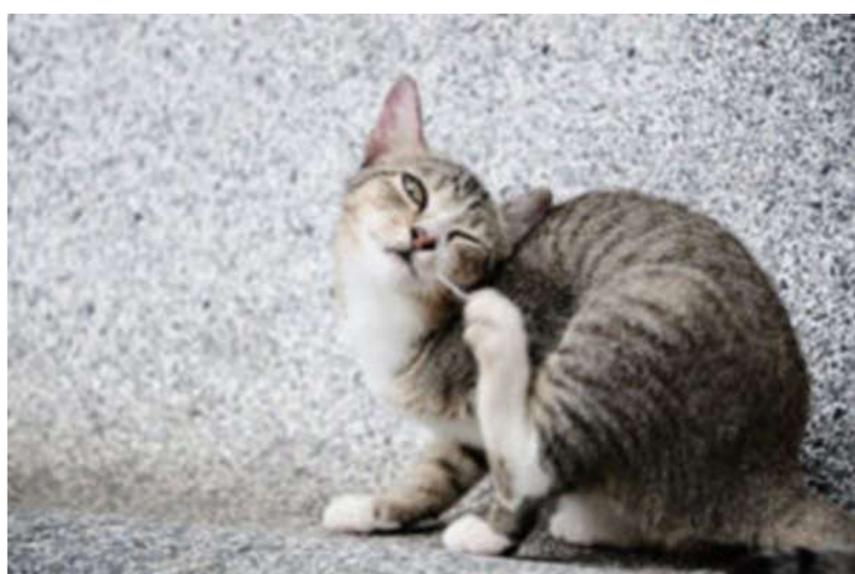
madadas de "doença do carrapato" as hemoparasitoses comumente transmitidas por esses parasitas, como a babesiose e a erliquiose, que são as mais conhecidas. Além delas, não podemos deixar de citar também a anaplasmose e a hepatozoonose.

A Erliquiose é causada pelas bactérias *Rickettsia* do gênero *Ehrlichia*, principalmente a *Ehrlichia canis* (um parasita intracelular), que entra na corrente sanguínea do pet, enquanto a Babesiose é provocada pelo protozoário *Babesia canis* e ataca os glóbulos vermelhos, podendo causar problemas na coagulação sanguínea.

Ambas atacam as células de defesa do corpo e podem afetar órgãos importantes como pulmão, rins e fígado. Dessa forma, se contaminado e não tratado com rapidez, o pet pode ter complicações seríssimas e até ir a óbito.

Mas não para por aí: esses parasitas também podem causar a rara paralisia do carrapato. Algumas espécies de carrapatos carregam uma neurotoxina na saliva capaz de causar problemas neurológicos. Essa toxina atua diretamente no sistema nervoso, causando paralisia ou fraqueza e falta de coordenação motora.

Embora aqui no Brasil a doença seja extremamente rara – apenas dois casos



confirmados até o momento -, é importante ter conhecimento sobre os riscos de parasitas em cães e gatos para garantir que o tratamento aconteça o mais rápido possível.

Veja outras doenças transmitidas por carrapatos:

- Anaplasmose: provocada por bactérias do tipo anaplasma que infectam os pets por meio da picada do carrapato. É uma doença que pode ter muitos sintomas como febre, diarreia, apatia, vômitos e falta de apetite.

- Hepatozoonose canina: transmitida ao pet pela ingestão dos carrapatos infectados por protozoários. Os principais sinais da doença são febre, falta de apetite, perda de peso e fraqueza

nas patas traseiras.

- Doença de Lyme: também conhecida como "borreliose", ela é transmitida aos pets por meio da picada do carrapato e pode causar dores articulares até quadros como encefalite (inflamação no encéfalo).

- Rangeliose canina: transmitida pela picada do carrapato e pode provocar febre, apatia, diarreia com sangue, emagrecimento e sangramento nasal.

Como dissemos no início do texto, a presença de pulgas e carrapatos é muito comum, principalmente no verão, mas isso não significa que eles são inofensivos – muito pelo contrário! Por sorte, existem várias formas de controlar e prevenir a presença desses parasitas.

Verme do coração: tudo o que você precisa saber sobre a dirofilariose

Também conhecida como verme do coração, a dirofilariose é um problema que vem sendo cada vez mais comum no Brasil, principalmente durante o verão e em cidades litorâneas.

Não tem jeito: as altas temperaturas são extremamente favoráveis para a proliferação de mosquitos transmissores de doenças. Os mosquitos dos gêneros Culex, Aedes e Anopheles,

por exemplo, responsáveis pela transmissão da dirofilariose canina e felina, aproveitam esta época do ano para se desenvolver e reproduzir mais rapidamente.

Dessa maneira, é impor-

tante destacar que as pulgas e carrapatos não devem ser a única preocupação durante o verão, ainda mais quando estamos falando de uma zoonose grave como a doença do verme do coração



Causa e transmissão do verme do coração

A princípio, saber como gato e cachorro pegam verme do coração é o primeiro passo para garantir uma boa proteção. Para que um pet seja infectado, ele precisa ser picado por um mosquito portador de larvas de microfilárias. Em poucos dias, essas larvas se desenvolvem e, por meio da corrente sanguínea, chegam ao coração, onde se instalam para completar seu ciclo.

A dirofilariose é uma doença causada por *Dirofilaria immitis*, um parasita nematóide de aparência fina e comprida, que mais se parece com uma "lombriga", embora a sua atuação seja

muito diferente. Ele se instala em diferentes órgãos, como pulmão e coração, motivo pelo qual é conhecido como verme do coração.

Animais com dirofilariose canina e felina podem apresentar alguns sintomas típicos de doenças cardíacas como tosse seca, falta de ar, mucosas pálidas ou arroxeadas. Isso acontece porque, com o tempo, o verme do coração cresce e toma conta de grande parte do órgão, atrapalhando seu funcionamento.

A transmissão acontece através da picada de mosquitos que tenham picado outro hospedeiro infectado previamente.

Diagnóstico do verme do coração em cachorros e

gatos

O diagnóstico do verme do coração pode ser feito por um médico-veterinário e confirmado por exames complementares como a sorologia específica para dirofilariose. Em alguns casos, é possível detectar a presença do verme em hemogramas comuns, observando o parasita por um microscópio.

Normalmente, o diagnóstico é tardio, pois o pet demora alguns meses para demonstrar sinais (uma vez que somente com o desenvolvimento do parasita começam a ocorrer sintomas).

A seguir, veja alguns dos principais sintomas de verme do coração:

- Intolerância ao exercí-

cio;

- Fraqueza;
- Apatia
- Tosse crônica;
- Respiração acelerada;
- Dispneia (respiração rápida e curta);
- Perda de peso.

Importante destacar: a gravidade da dirofilariose está relacionada à quantidade de vermes no organismo do cachorro ou gato.

O verme do coração tem cura?

Sim, o verme do coração tem cura! Entretanto, é importante destacar que a melhor maneira de garantir a integridade do seu cachorro ou gato é seguindo todas as formas de prevenção, principalmente durante o verão.

Como tratar?

Se quer saber como tratar verme de cachorro, o ideal é que você consulte o médico-veterinário de sua confiança. Mas, no geral, os tratamentos costumam ser realizados com adu- ticidas e microfilaricidas, para matar todos os microorganismos.

Como prevenir o verme do coração em cães e gatos

Evitar que o cachorro ou gato seja picado por mosquitos ainda é a melhor opção para prevenir o verme do coração. Para isso, existem coleiras e pipetas que prometem não deixar que um mosquito infectado se aproxime e se alimente do sangue do pet, realizando a transmissão do parasita.

Alguns vermífugos espe-

cíficos à base de ivermectina também são eficazes e devem ser administrados alguns dias antes da visita do animal à praia, porém eles podem não ser indicados para qualquer raça e, por isso, é fundamental consultar um médico-veterinário antes de usá-los o seu pet.

Lembre-se: quando falamos de praia, não es-

tamos restringindo isso à parte com mar e areia, mas ampliando para toda a região do litoral, onde há maiores chances de haverem mosquitos infectados.

Você deve sempre consultar um médico-veterinário antes de utilizar qualquer produto em seu pet. Somente ele saberá qual o mais indicado para cada caso.